

COLÉGIO SÃO LUÍS

**ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

JOÃO HENRIQUE IGNATIOS COUCEIRO

**Condutas Intervencionistas dos Estados Unidos
Golpe de 1964 e contexto ucraniano**

JOÃO HENRIQUE IGNATIOS COUCEIRO

**Condutas Intervencionistas dos Estados Unidos
Golpe de 1964 e contexto ucraniano**

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação Científica”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientador: Prof. Paulo Niccoli Ramirez

Colégio São Luís
2022

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a minha família. Todo o apoio emocional, conselhos e incentivos dados pelos meus pais e meu irmão foram essenciais para a produção deste trabalho. Ao Colégio São Luís, que, desde os meus 4 anos de idade, estimula e incentiva a empatia, cooperação e, principalmente, o pensamento crítico e científico, essenciais para essa produção.

Agradeço, também, os meus professores, que me aconselharam e encorajaram durante esse ano. Suas aulas sempre estimularam o questionamento e o nosso desenvolvimento, tanto pessoal quanto intelectual. Sou muito grato por tudo que aprendi com os senhores. Aos meus amigos, com quem desabafei, aprendi e relaxei, mesmo com a tamanha complexidade e dedicação demandadas por esse trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente meu orientador: Paulo Niccoli Ramirez. Sempre prestativo, compreensivo e companheiro. O senhor me ajudou nos piores momentos desse trabalho, me orientou e guiou sabiamente. Suas aulas de filosofia também foram de extrema importância, não só para a redação desse documento, mas também para o meu desenvolvimento humano. Nada disso seria possível sem o senhor ou sua ajuda. Muito obrigado.

“Toda história do mundo pode ser resumida pelo fato de que, quando as nações são fortes, nem sempre são justas, e quando elas querem ser justas, já não são mais fortes.”

(Winston Churchill)

RESUMO

Esse artigo tem como tema intervenções indiretas dos Estados Unidos, mais especificamente no Brasil, durante os anos 1960 até 1964, e na Ucrânia, com base nos protestos conhecidos como Euromaidan (de novembro de 2013 a fevereiro de 2014). Tais intervenções foram marcadas pelo seu caráter indireto e resultaram em uma mudança drástica nos governos dos países analisados. Além disso, o contexto ucraniano marca a implementação de um novo conceito utilizado para definir o *modus operandi* intervencionista dos EUA no século XXI: o das Guerras Híbridas. O presente trabalho visa relacionar tais processos com base nos livros “1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março”, de Phyllis R. Parker, e “Guerras Híbridas das Revoluções Coloridas aos golpes”, de Andrew Korybko, aliado a artigos e notícias que abordem o contexto vivido pelos dois países. Observou-se, principalmente, que tanto o Brasil quanto a Ucrânia sofreram processos intervencionistas similares, embora o ucraniano difira por conta do contexto internacional resultante da intensa globalização e de relações de interdependência, além da proximidade do país com a Rússia, principal rival dos Estados Unidos em relação à Ucrânia, que possui um poder bélico tão grande quanto o dos EUA. Considera-se que trabalhos dessa natureza possam contribuir para a compreensão de fenômenos de extrema relevância para a organização da sociedade atual, no Brasil, na Ucrânia ou no resto do mundo.

Palavras-chave: Brasil. Ucrânia. Estados Unidos. Guerras Híbridas. Processos intervencionistas. Euromaidan.

ABSTRACT

This article focuses on indirect interventions made by the United States, more specifically in Brazil, during the 1960's, and in Ukraine, based on the protests known as Euromaidan (from November 2013 to February 2014). Such interventions were marked by their indirect characteristic and resulted in a drastic change in the governments of the analyzed countries. Furthermore, the Ukrainian context marks the implementation of a new concept used to define the US interventionist method in the 21st century: the Hybrid Wars. The present work aims to relate such processes based on the books "*1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março*", from Phyllis R. Parker, and "*Guerras Híbridas das Revoluções Coloridas aos golpes*", from Andrew Korybko, combined with articles and news that address the context experienced by both countries. It was mainly observed that both Brazil and Ukraine underwent similar interventionist processes, although the Ukrainian differs due to the international context resulting from intense globalization and interdependence relations, in addition to the country's proximity to Russia, the main United States rival, in relation of Ukraine, which has a military power as great as that of the USA. It is considered that works of this nature can contribute to the understanding of phenomena of extreme relevance to the organization of today's society, in Brazil, Ukraine or the rest of the world.

Keywords: Brazil. Ukraine. United States. Hybrid War. Interventional processes. Euromaidan.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem do heartland (parte central do mapa), inner crescent/rimland (região rosa indica a parte terrestre e a região vermelha a parte marítima) e outer crescent (Américas e Austrália). Indica a influência sob o heartland (adaptada).....	21
Figura 2- Os cinco anéis de John Warden.	23
Figura 3- Os cinco anéis da sociedade	24
Figura 4 - Os cinco anéis do indivíduo (adaptada).	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. INTERVENÇÕES ESTADUNIDENSES NO BRASIL – GOLPE DE 1964	12
2.1 Contexto internacional.....	12
2.2 O papel dos Estados Unidos	15
3. GUERRAS HÍBRIDAS – CONCEITO E PRÁTICAS	19
3.1 Teoria e fundamentos geopolíticos.....	19
3.2 Sistema de influência.....	23
3.3 Revoluções Coloridas e Guerras não Convencionais	29
3.4 Euromaidan	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América, como uma das principais potências dos últimos séculos, tomaram diversas ações e posicionamentos que aumentassem sua influência ao redor do mundo e que, depois, assegurassem sua hegemonia. Dentre essas ações, estão interferências nas políticas nacionais de Estados que, na visão do país, são considerados estratégicos para sua soberania e controle nos mais diversos continentes.

Ao longo da história, temos diversas evidências dessa afirmação. Uma das primeiras evidências históricas é o que foi conhecido como Doutrina Monroe. Com seus princípios estipulados após um discurso ao Congresso em 1823, o presidente James Monroe buscou limitar a influência europeia apoiando, por exemplo, movimentos de independência na região com o objetivo de atrair novas repúblicas para sua órbita. Os principais objetivos da Doutrina eram: “impedir que o continente americano fosse palco de uma recolonização” e “impedir a intervenção europeia nos negócios internos ou externos de países americanos”, como aponta o historiador Voltaire Schilling em seu livro *Estados Unidos e América Latina: da Doutrina Monroe à ALCA* (2002).

Porém, a Doutrina realmente servia como instrumento ideológico, conduzindo, através de intervencionismo, a subordinação da América Latina aos interesses políticos e econômicos dos EUA, visto que nunca consideraram os latino-americanos como iguais, o que está presente em diversas declarações de John Quincy Adams, 6º presidente dos Estados Unidos e Secretário de Estado nos mandatos de Monroe (de 1817 a 1825). Com a máxima “América para os americanos”, representa o início do que veio a se tornar diversas tentativas diretas e indiretas de interferência na soberania de países da América Latina.

Mais recentemente, no século XX, com o contexto da Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos também achou necessário intervir em governos sul-americanos para impedir o avanço do comunismo. Após a Revolução Comunista em Cuba, ilha caribenha próxima ao litoral norte-americano, o governo Kennedy considerou necessário acompanhar com maior proximidade principalmente os governos sul-americanos, devido à proximidade geográfica, estando sujeitos até mesmo a

intervenções. Estas ações se destacam com diversos discursos proferidos pelo ex-presidente Kennedy, como por exemplo em 1962:

Está claro que as forças do comunismo não podem ser subestimadas. Em Cuba e em todo mundo. Estou convencido de que nós dos EUA e todo o Mundo Livre temos os recursos e as habilidades necessárias para agir em defesa da liberdade. Estou determinado a garantir o sucesso de nosso sistema quaisquer que sejam os desafios.

Além desse discurso, que destaca o interesse estadunidense de intervir em países que fossem, teoricamente, contra seu sistema, militares aprendiam técnicas de repressão e combate à expansão do comunismo em cursos de treinamento especializado dos EUA, o que levou à famosas e duradouras ditaduras na América Latina, como por exemplo a do Brasil, Chile e Argentina, como analisa Alfredo Boulos Júnior no livro *História Sociedade & Cidadania* (2018):

Após esses treinamentos, os militares sul-americanos convenceram-se de que eram capazes de lidar não apenas com a segurança interna de seus países, mas também com a política, a economia e a cultura. Esse convívio entre militares estadunidenses e sul-americanos desdobrou-se no apoio material, técnico e estratégico dos EUA aos golpes de Estado que levaram os militares sul-americanos ao poder durante os anos 1960 e 1970. (p.245)

Atualmente, as intervenções imperialistas dos EUA são muito mais indiretas do que antigamente, como apontado pelo jornalista e analista político Andrew Korybko em seu livro “Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes”. Segundo o autor, “as armas de destruição em massa e um mundo multipolar impõem limites ao confronto direto entre grandes potências” (KORYBKO, 2018, p. 13), além dos altos custos políticos e financeiros que os chefes de Estado estão suscetíveis. Portanto, um novo tipo de intervenção teve que ser utilizado, o que foi batizado de Guerra Híbrida, conceito explicado pelo historiador Miguel Enrique Stédile na introdução do livro de Korybko:

A guerra híbrida é a combinação entre revoluções coloridas e guerras não convencionais. Neste novo modelo de guerra, as revoluções coloridas – largamente planejadas anteriormente e utilizando ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com o uso de redes sociais – consistem em desestabilizar governos por meio de manifestações de massas em nome de reivindicações abstratas como democracia, liberdade etc.; elas são a fagulha que incendeia uma situação de conflito interno. A revolução colorida é o golpe brando. Se ela não for suficiente para derrubar e substituir o governo, avança-se para o estágio de guerra não convencional, aquelas combatidas por forças não regulares, sejam guerrilhas, milícias ou insurgências. Este é o momento do golpe rígido.” (STÉDILE, p.10)

É importante ficar claro que Guerras Não Convencionais são “qualquer tipo de força não convencional (isto é, grupos armados não oficiais) envolvida em um combate largamente assimétrico contra um adversário tradicional” (KORYBKO, 2018), como dito por Korybko.

Portanto, o trabalho visa analisar, entre outras coisas, os processos intervencionistas norte-americanos no Brasil, mais especificamente no período de 1960-1964, tendo em vista o auge da Guerra Fria e, por consequência, do suposto combate ao avanço comunista nas Américas. O golpe é considerado um marco da interferência estadunidense na soberania brasileira, com o apoio à deposição do então presidente João Goulart, por isso sua relevância para a análise do trabalho: um golpe desestruturador, apoiado pelos Estados Unidos, em um país em desenvolvimento, com uma economia em ascensão e geograficamente estratégico.

Além disso, a pesquisa também busca estabelecer relações de similaridade entre a abordagem de 1964 com a atual, pautada através das Guerras Híbridas, focando, principalmente, no leste europeu, mais especificamente na Ucrânia. Um dos principais locais em que o conceito/estratégia foi utilizado(a), como destacado por Korybko. O fenômeno é observado durante a troca do governo ucraniano, em 2014, devido à repentinas manifestações, conhecidas como Euromaidan, contra o governo do presidente Viktor Yanukovich (pró-Rússia e contra a aproximação tanto à União Europeia quanto aos Estados Unidos).

Sendo assim, será realizada uma comparação entre os processos intervencionistas, no Brasil, que tomou parte durante os anos 1960, e na Ucrânia, destacando o conceito de Guerras Híbridas, para observar as características e diferenças dos processos intervencionistas estadunidenses. A análise do cenário brasileiro será feita, principalmente, com base no livro “1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março”, da autora estadunidense Phyllis R. Parker, enquanto o ucraniano será feito com base em “Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes”, do autor, já citado, Andrew Korybko. Os motivos para tais mudanças também serão abordados e especulados pelo trabalho.

Primeiramente, dado a antecedência histórica e provável influência no conceito de Guerras Híbridas, será analisado o Golpe de 1964 tendo em vista os antecedentes de golpe e o papel dos Estados Unidos para sua concretização. Em relação as Guerras Híbridas, primeiramente será discutido sua definição geral e os fatores geopolíticos que podem ter levado os EUA a intervirem na Ucrânia. Os sistemas de

influência para a concretização das Revoluções Coloridas e das Guerras não Convencionais, tal qual os aprofundamentos desses dois conceitos serão abordados posteriormente. Por fim, será dado um destaque ao movimento Euromaidan e seus impactos no cenário internacional atual.

2. INTERVENÇÕES ESTADUNIDENSES NO BRASIL – GOLPE DE 1964

2.1 Contexto internacional

As relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América podem ser observadas, principalmente, desde o século XIX, com o que veio a ser conhecido como Doutrina Monroe, um plano político e expansionista que visava aumentar as relações e influência entre os Estados Unidos e os países da América Latina. Em um discurso ao Congresso dos Estados Unidos em 1823, o ex-presidente James Monroe declara que “devemos considerar qualquer tentativa da parte deles [europeus] de estender seu sistema para qualquer parte desse hemisfério como um perigo para nossa paz e segurança”.

Após 1823, o discurso da “América para os americanos”, como foi posteriormente associado à Doutrina Monroe, atraiu países como a Argentina, Brasil, Chile Colômbia e México, sendo que o até então império brasileiro foi o primeiro a demonstrar satisfação com tal doutrina, propondo uma aliança com os Estados Unidos, segundo Carlos Gustavo Poggio Teixeira. A proposta foi negada, tal postura podendo ser interpretada como um desejo norte-americano de não formalizar tais relações e envolvimento, o que poderá novamente ser observado nos anos 60. Entretanto, um tratado comercial foi assinado por ambos os países, embora que limitado (TEIXEIRA, 2014), começando assim as relações formais entre ambos os Estados.

Com o passar dos anos, as relações entre os Estados foi aumentando, visto que “a economia norte-americana era cada vez mais dependente de recursos naturais do exterior para garantir seu desenvolvimento” (BRAGA, 2008), principalmente nos países latino-americanos, devido à vasta riqueza natural, proximidade geográfica e

um desejo de afastamento da Europa. Assim, o século XX é marcado como o ápice da proximidade entre os dois países para o desenvolvimento interno brasileiro.

Tal afirmação pode ser observada, inicialmente, com as negociações para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1941, em que “o Brasil conseguiu que os Estados Unidos se comprometessem a financiar parte da construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda (RJ), essencial ao crescimento da economia brasileira”, Alfredo Boulos Júnior em *História, Sociedade & Cidadania* 9. A partir desse ponto, portanto, é possível concluir que o interesse em relação à política nacional brasileira só aumentou, visto que o desenvolvimento do país, e dos outros da América Latina, beneficiava o próprio Estado norte-americano, sendo que a estabilidade política de tais países era essencial. O ex-presidente estadunidense Franklin Roosevelt encontrou dificuldades nas negociações com Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, que buscava manter tanto as relações com os Estados Unidos e com a Alemanha Nazista. Tal posicionamento visava a estabilidade econômica do Brasil, que não perderia dois grandes importadores de seus produtos, mas também continha um interesse populista de Getúlio, que visava manter seus poderes no então Estado Novo (BOULOS JÚNIOR, 2018). Tal cenário se repetiria nos anos que sucederam o golpe civil-militar de 1964.

Durante os anos 60, com a queda do governo de Fulgencio Batista, ex-presidente de Cuba, para as forças comunistas de Fidel Castro, os Estados Unidos da América se viram na necessidade da criação de um programa assistencial na América Latina. Tal programa foi chamado de Aliança para o Progresso, sendo oficializada em agosto de 1961, e deveria consistir em:

Uma mobilização multilateral dos esforços e recursos das nações americanas contra as iniquidades econômicas e sociais que as acoavam. Para os Estados Unidos, significava a reorientação de seus fragmentários programas de ajuda à América Latina num programa de âmbito regional, generosamente subvencionado, para o desenvolvimento democrático. [...] Concordaram também que os países em desenvolvimento seriam ajudados com um capital externo de pelo menos 20 bilhões de dólares, principalmente de dinheiro público, durante um período de dez anos. (PARKER, p. 16-17)

Segundo a autora, o sucesso desse programa no Brasil era de extrema importância, visto que era a maior e mais populosa democracia constitucional da América Latina, com diversas riquezas naturais e centros industriais em desenvolvimento (PARKER, 1977). Entretanto, o Brasil enfrentava um período

complicado: o então presidente Jânio Quadros acabara de renunciar, em 25 de agosto de 1961, em uma falha tentativa de um golpe, e seu vice, João Goulart, era contestado por diversos membros dos ministérios nacionais e até mesmo por estadunidenses que representavam o governo no Brasil. Goulart tinha sido ministro do trabalho de 1953 a 1954, durante o segundo governo de Getúlio Vargas, e nesse período, junto do presidente, aprovou diversas medidas sociais, visando o aumento do apoio popular de Getúlio, que eram atreladas as ideias comunistas. Assim, tanto na perspectiva nacional quanto internacional, João Goulart era considerado um simpatizante das classes mais baixas, apoiador de reformas sociais e, portanto, um aliado para a ascensão do comunismo no Brasil.

Dessa forma, Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil e figura extremamente importante para a concretização do golpe, teria reportado ao Departamento de Estado que “se o Brasil se perder, não será outra Cuba, mas outra China no Ocidente”, em 1962. Além de Lincoln Gordon, em 1961, três ministros e generais Odílio Denys, Brigadeiro Grun Moss e Almirante Silvio Heck, articularam o Congresso para uma mudança do sistema político brasileiro, que passaria a ser parlamentarista e publicaram um manifesto que acusava João Goulart de ter entrado em contato com “agentes do comunismo internacional”, infiltrando-os nas orças armadas, que passariam a ser “simples milícias comunistas” (PARKER, 1977).

Porém, quando João Goulart voltou ao Brasil, tais medidas não foram bem aceitas por ele. O sistema parlamentarista minava o poder presencial e João Goulart, assim como Getúlio Vargas, visava a manutenção e aumento de seus poderes, como analisado posteriormente por diversos historiadores. Dessa forma, Goulart passou a aprovar diversas medidas sociais, visando o aumento do apoio da população em relação ao seu governo, realizando um plebiscito em 6 de janeiro de 1963 em que 80% dos eleitores votaram a favor do presidencialismo, reestabelecendo todos os poderes presidenciais.

2.2 O papel dos Estados Unidos

Em relação aos Estados Unidos, inicialmente, o país, por mais que tivesse desconfianças, acreditava no aumento das relações entre os Estados. Porém, com o passar do tempo, tal posição foi mudando. Inicialmente, os discursos de Goulart defendiam o chamado “nacionalismo verde-amarelo”, por Lincoln Gordon, o que estimulava o aumento de lideranças sindicalistas nos diversos setores da economia brasileira. Além disso, foram tomadas diversas medidas que ameaçavam os interesses econômicos dos EUA. Em 1962, Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul desapropriou duas companhias americanas: a ITT e a American and Foreign Power. Tal medida não foi condenada ou revertida por João Goulart, irritando o país norte-americano. O presidente da ITT na época enviou um telegrama ao ex-presidente Kennedy em que isso se assemelhava à Cuba com a “tomada irresponsável de nossas propriedades norte-americanas”, encorajando Kennedy a aumentar a atenção ao Brasil (PARKER, 1977).

Além disso, lideranças trabalhistas estavam em crescimento e “receptiva ao comunismo”, segundo a Embaixada, com o número crescente de organizações entre os grupos de trabalhadores e estudantes, como o sindicato da Petrobrás e da agência dos Correios e Telégrafos, além da União Nacional dos Estudantes (UNE). Por fim, o principal plano para a reestruturação da economia brasileira, formulado pelo então Ministro da Fazenda em 1963 San Tiago Dantas e Celso Furtado, chamado de Plano Trienal, fracassou. Dessa forma, os Estados Unidos passaram a acreditar que o dinheiro investido através da Aliança para o Progresso estava sendo desperdiçado, malvisto pelo Congresso estadunidense, além da diminuição da influência e o poder de grupos e pessoas favoráveis aos Estados Unidos no Brasil (PARKER, 1977).

Ademais, a partir de novembro de 1963 Goulart passou a defender ainda mais reformas de base, flertando, aos olhos estadunidenses, com o comunismo. Visão essa agravada após a morte de Kennedy no mesmo mês e posse de Lyndon Johnson.

Durante o governo de Johnson, foi instituído o que se tornou a “Doutrina Mann” em 17 de março de 1964:

Segundo um artigo do New York Times, Mann traçara uma política pela qual os Estados Unidos “não mais procurariam punir as juntas militares por derrubarem regimes democráticos”. Isso parecia, com efeito, ser o reverso da política Kennedy, que consistia em “negar relações diplomáticas e ajuda econômica aos regimes militares recém-criados, a menos que oferecessem

firmes garantias do reestabelecimento do Governo democrático em um futuro previsível”. Afirma-se que Mann destacou quatro objetivos para a política dos Estados Unidos na América Latina: apoio ao crescimento econômico, proteção dos investimentos norte-americanos, não intervenção e oposição ao comunismo. (PARKER, p.88)

Assim, os Estados Unidos reforçavam uma posição favorável aos militares, que já era anterior à 1964. A assistência militar ao Brasil, durante o governo de Goulart, foi a maior na América Latina na década, oscilando entre 17 e 44 milhões de dólares anualmente (PARKER, 1977), e foi considerada essencial, pelo próprio Lincoln Gordon, para estabelecer relações estreitas com as forças armadas e influenciar os militares a se tornarem pró-Estados Unidos. Além disso, já em 1962, Lincoln Gordon acreditava que “uma de nossas tarefas mais importantes consiste em fortalecer a espinha militar”, dito em uma conversa entre o embaixador e o ex-presidente Kennedy. Ademais, os EUA tinham conhecimento da intenção de um golpe militar desde o final de 1961 ou início de 1962, em que o Almirante Sílvio Heck informou à Lincoln Gordon que “um grande número de civis e militares estava organizando um golpe contra Goulart”, em um jantar entre os dois (PARKER, 1977, p.26) e, em 1963, um Memorando Normal de Informações da CIA descrevia uma trama contra Goulart por grupos conservadores das forças armadas (PARKER, 1977), mas que a CIA estava preocupada que uma tentativa prematura de golpe poderia resultar em uma forte reação de Goulart e destituição dos oficiais favoráveis aos Estados Unidos.

Em 13 de março João Goulart liderou um comício pelas Reformas de Base, assinando dois decretos importantíssimos. Primeiramente, assinou o chamado Decreto da SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária), que se assemelhava a ideia da Reforma Agrária e desapropriava terras com mais de 100 hectares que se situavam em uma faixa de 10 quilômetros às margens de rodovias, ferrovias e projetos hidráulicos federais. O outro decreto expropriava todas as refinarias de petróleo particulares e as colocava sob controle da Petrobrás. Em resposta a tais ações, foi realizada a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, que contou com a participação de aproximadamente 300 mil pessoas contra as medidas e a aproximação das ideias comunistas, simbolizando o apoio popular caso houvesse uma derrubada do governo. Após a Revolta dos Marinheiros em 26 de março de 1964 e anistia dos revoltosos por parte do presidente e um discurso em 30 de março, diante de sargentos e cabos, em que Goulart se solidarizou com os revoltosos e culpou os miliares pela crise brasileira, o golpe “começou”.

O golpe começou em Minas Gerais, onde o Governador Magalhães Pinto “divulgou um manifesto denunciando o Governo de Goulart e defendendo o direito dos militares de lutarem pelo destino ‘glorioso’ que lhes era atribuído pela Constituição” (PARKER, 1977, p.98). Dessa forma, o general Mourão Filho, comandante do Quarto Exército, ouviu o discurso e, na manhã de 31 de março, começou a movimentar tropas e tanques em direção ao Rio de Janeiro.

Os Estados Unidos, devido à proximidade ao exército e aos estados brasileiros com os financiamentos da Aliança para o Progresso e de campanhas para políticos pró-Estados Unidos, além da proximidade de Lincoln Gordon com Castelo Branco, o principal líder dos militares insatisfeitos, já estavam cientes de que, a qualquer momento, os militares colocariam o golpe em prática. Portanto, formularam dois planos para caso o golpe de fato ocorresse. O primeiro consistia na seguinte ação:

O primeiro plano dizia respeito ao fornecimento de petróleo. Em caso de golpe, o acesso ao petróleo poderia ser crítico para os conspiradores, tanto para o transporte militar quanto para manter as atividades civis funcionando normalmente. Os estrategistas norte-americanos temiam que os partidários de Goulart no sindicato da Petrobrás pudessem fazer explodir as refinarias. Se houvesse necessidade do petróleo americano e este fosse fornecido, os Estados Unidos poderiam com esse gesto prestar um serviço aos conspiradores e ao Brasil em geral, pois presumivelmente grandes setores do país poderiam ficar temporariamente paralisados, caso não houvesse fornecimento imediato. (PARKER, p.95)

Já o segundo plano, que foi o que, parcialmente, entrou em vigor, era o seguinte:

O segundo plano proposto pela Embaixada era que uma força-tarefa norte-americana de porta-aviões poderia ser enviada ao Brasil. Duas finalidades seriam atendidas por meio dessa ação. Baseados em relatórios das várias fontes de informações, os estrategistas da Embaixada acreditavam que, quando ocorresse um golpe, a maior parte do país, provavelmente, cairia logo sob o domínio de Castelo Branco. Contudo, eles acreditavam que, especialmente no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, um grupo de dissidentes poderia resistir. Uma frota de porta-aviões norte-americanos nas águas ao largo da costa do Brasil poderia ajudar a manter a estabilidade por meio de uma demonstração “simbólica” de poderio militar. Os porta-aviões poderiam ser usados também para evacuar os cidadãos norte-americanos se o golpe militar resultasse numa situação de ameaça de vidas. (PARKER, p.95)

Em 31 de março foi aprovado o plano militar preventivo que seria utilizado pelos Estados Unidos, que seria o segundo proposto pela embaixada com a adição do envio de armas e munições (PARKER, 1977). Assim, enviou um porta-aviões de ataque pesado, o Forrestal, e destroieres de apoio. Além disso, o envio de armas se daria por

um projeto intitulado “Brother Sam” que enviaria POL (petróleo, óleo e lubrificantes) e 110 toneladas de armas portáteis e munição. Entretanto, o apoio militar estadunidense se tornou desnecessário, visto a rápida tomada do governo por parte dos militares e fuga de Goulart ao Uruguai. Dessa forma, a atenção dos Estados Unidos passou a se concentrar na mudança do aspecto econômico do Brasil. Foi constatado por Gordon ao Departamento de Estado que a mudança de governo criaria “um clima muito mais favorável aos investimentos privados” e à Aliança para o Progresso além de que acreditava “ser do interesse dos Estados Unidos apoiar e fortalecer tanto quanto possível o atual regime” (PARKER, 1977).

Portanto, é possível concluir que, embora os Estados Unidos da América não tenham diretamente interferido na derrubada do governo de João Goulart, suas ações foram de grande importância para que tal fato ocorresse. Primeiramente, com sua política externa focada em erradicar o comunismo ao redor do mundo, as assistências concedidas pelos Estados Unidos aos militares, que tinham o mesmo objetivo, como as mencionadas anteriormente, além do Programa de Segurança Pública, recebendo assistências de “apoio à segurança” através da Agência para o Desenvolvimento Internacional durante o ano anterior e o ano do golpe em 25 e 50 milhões de dólares, respectivamente (PARKER, 1977), serviram para fortalecer as forças armadas.

Além disso, foi negado, diversas vezes, assistência financeira ao governo de Goulart, enfraquecendo ainda mais o governo central, ao passo que frequentemente concediam assistência aos grupos que posteriormente derrubaram Goulart, como já dito. Por fim, os Estados Unidos se posicionaram de tal modo que ofereceriam ajuda em caso de um possível conflito armado (guerra civil), o que também era conhecido pelos revoltosos devido à proximidade de ambos os grupos (embaixada estadunidense e militares), assim, motivando as forças armadas, já que teriam apoio em caso de um cenário mais pessimista. Ademais, pode-se concluir que o golpe se deu de maneira extremamente favorável aos EUA, uma vez que foi considerado totalmente brasileiro, distanciando a relação da embaixada para tal ato, e proibiu atos e manifestações comunistas a partir de então. O governo foi considerado legítimo e passou a se posicionar muito mais pró-Estados Unidos do que os anteriores, tanto de João Goulart quanto de Jânio Quadros. Dessa forma, os Estados Unidos asseguraram o apoio e a aliança com o maior e mais importante país da América do Sul, que era o objetivo inicial dos EUA.

O Golpe de 1964, como a principal interferência externa sobre a política nacional do Brasil, assumiu características comuns à época, tendo um caráter até mais brando que o padrão da Guerra Fria, tendo em vista o Vietnã e a Coréia. Porém, em um mundo multipolarizado e interdependente, ações políticas como as tomadas pelos Estados Unidos no século passada, além de extremamente condenadas no cenário internacional, podem ser inviáveis política e/ou economicamente. Dessa forma, um novo caráter de intervenção para a segurança dos interesses do país norte americano em territórios estrangeiros teve que ser adotada.

3. GUERRAS HÍBRIDAS – CONCEITO E PRÁTICAS

3.1 Teoria e fundamentos geopolíticos

Atualmente, ações intervencionistas vindas dos Estados Unidos se dão por uma outra forma, que seguem alguns padrões já observados em 1960-1964, no Brasil, mas atualizados ao século XXI. Dessa forma, o não envolvimento direto, como foi o caso previamente analisado, é encorajado, mas abre escopo para ações militares concretas.

Esse novo meio de intervenção, desenvolvido e batizado de “Guerra Híbrida” pelo jornalista e analista político Andrew Korybko, segue uma ideia já desenvolvida no passado, pelo general da China antiga Sun Tzu, de que “A suprema arte da guerra é derrotar seu inimigo sem lutar”. A Guerra Híbrida, usada unicamente, segundo o pensador, pelos Estados Unidos, é uma combinação entre Revoluções Coloridas e guerras não convencionais, que tem como objetivo desestabilizar o governo em vigor do “alvo” para a implementação de um novo com interesses alinhados ao dos EUA. Essas ações são consideradas indiretas pois não envolvem uma força externa convencional, como o exército, atuando de forma imprevisível e eficaz, por “quebrar” o ciclo OODA (Observar, Orientar, Decidir e Agir), desenvolvido pelo coronel John Boyd e aplicado diversas vezes em combates de operações militares.

As Revoluções Coloridas consistem em manifestações em massa organizadas, principalmente, através de redes sociais reivindicando conceitos abstratos como

democracia, liberdade, entre outros. Caso tais manifestações não sejam suficientes para derrubar e substituir o governo, forças não regulares, como guerrilhas, milícias ou insurgências, passam a combater as forças tradicionais do Estado (exército), caracterizando as Guerras Não Convencionais (STÉDILE, 2018). As vantagens de intervenção indireta são diversos, deixando seu inimigo vulnerável à outras formas de ataque, paralisando recursos que poderiam ser utilizados em outras áreas e são a única alternativa de desestabilizar o adversário quando ambos os Estados estão comprometidos à acordos econômicos e alianças de paz. Além disso, a paridade de forças militares convencionais e os grandes gastos econômicos provenientes de uma guerra direta são outros pontos que estimulam a ação indireta, evitando um conflito nuclear e grandes perdas econômicas, por exemplo. Olhando especificamente para as guerras não convencionais, outra vantagem apontada pelo autor é da incerteza de por quanto tempo as forças convencionais do Estado-alvo serão capazes de controlar territórios de contra-ataques, de forma que fatores determinantes como quando, onde e quantas tropas serão mobilizadas se tornem dúvidas para as Forças Armadas (KORYBKO, 2018).

Tais movimentos acontecem em países estratégicos, tanto do ponto de vista econômico quanto geográfico, que são próximos do que é identificado por Korybko como o verdadeiro alvo. É importante que um governo pró-EUA faça fronteira com o verdadeiro Estado-alvo, para repassar apoio material aos organizadores de movimentos revoltosos. Tal afirmação pode ser observada nos papéis da Turquia e Jordânia na Guerra da Síria: os Estados Unidos usam seus parceiros, liderados de forma velada (o que será posteriormente explicado), como campos de treinamento para insurgentes contra o governo e armamentos para o repasse de armas. Países do Oriente Médio, com movimentos da Primavera Árabe e, principalmente, a Ucrânia, são casos identificados desses movimentos.

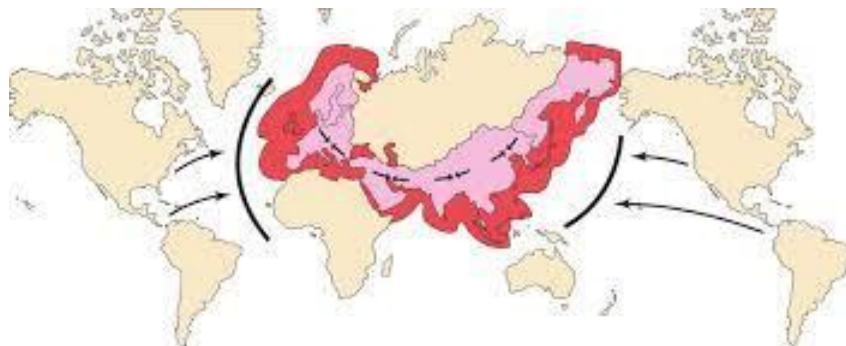
A importância da Ucrânia se dá por sua proximidade territorial com a Rússia, já que ambos os países fazem fronteira, o principal motivo pelo qual é vantajoso que ela seja alinhada com interesses Ocidentais. Dessa forma, em 2013, manifestações nacionalistas favoráveis à entrada do país na União Europeia passam a acontecer na Ucrânia, a Euromaidan. Entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, essas manifestações conseguiram derrubar o governo pró-Rússia de Viktor Yanukovich, que

foi substituído por um governo “pró-europeu, hostil à Rússia e conveniente aos interesses dos Estados Unidos na região” (STÉDILE, 2018, p. 11).

O interesse dos Estados Unidos na Ucrânia se dá pela teoria elaborada por Halford Mackinder, em 1904, no artigo “*The Geographical Pivot of History*” (“*O Pivô Geográfico da História*”). Em seu livro, Mackinder estabelece o conceito do “*heartland*” (o centro da “ilha-mundo”, que é a Eurásia), uma região formada por parte do Leste Europeu (a “porta” do *heartland*), parte da Rússia e da Ásia Central, rica em recursos naturais e excelentemente posicionada geograficamente. Dessa forma, o Estado que controlasse essa região, se estabeleceria como a principal potência global, nas palavras do autor: “Aquele que controla o Leste Europeu comanda o *heartland*, aquele que controla o *heartland* comanda a ilha-mundo, aquele que controla a ilha-mundo comanda o mundo” (MACKINDER, 1919). Entretanto, para Mackinder, as Américas, juntamente com a Austrália, se localizariam no *outer crescent*, a área sob menor influência direta do *heartland*, enquanto a Rússia, juntamente com a Europa, Índia, China e Oriente Médio estão no *inner crescent*, com maior influência direta.

Esse conceito ainda foi revisitado pelo cientista político Nicholas Spykman, que ressaltou a importância do *inner crescent* de Mackinder, agora chamado de *rimland*, devido ao potencial industrial, mão de obra e certo caráter expansionista (devido à França Napoleônica e à Alemanha nas duas guerras mundiais, recentes quando desenvolveu sua teoria), fazendo com que, para Spykman, quem controlasse o *rimland* controla o *heartland*. Atualmente, a maioria dos países europeus e do Oriente Médio, que formam parte do *rimland*, são dependentes dos Estados Unidos, o que asseguraria o controle, estabelecido pelo autor, do *heartland*.

Figura 1 - Imagem do *heartland* (parte central do mapa), *inner crescent/rimland* (região rosa indica a parte terrestre e a região vermelha a parte marítima) e *outer crescent* (Américas e Austrália). Indica a influência sob o *heartland* (adaptada).



Fonte - (KORYBKO, 2018).

Já a ação de desestruturação periférica, visando disseminação para o interior (contexto Ucrânia-Rússia, respectivamente) tem origem com o ex-primeiro ministro polonês, Józef Pitsudski, que acreditava que se “os cidadãos de outras etnias diferentes da russa na União Soviética pudessem ser influenciados externamente para se rebelar contra o centro, o Estado inteiro se fragmentaria em uma miríade de entidades étnicas das quais a Polônia poderia tirar proveito por meio de um sistema de alianças” (KORYBKO, 2018, p.23).

Unindo as duas teorias, o cientista político Zbigniew Brzezinski na obra “*The Grand Chess-board: American primacy and its Geostrategic Imperatives*” (“O grande tabuleiro de xadrez: a primazia estadunidense e seus fundamentos geoestratégicos”), de 1977, o autor adiciona ao conceito de *rimland* ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central e do Cáucaso. Tais Estados poderiam contribuir para a preservação do domínio estadunidense na Eurásia, devido à instabilidade de suas entidades políticas e possibilidade de invasões externas (BRZEZINSKI, 1977). Dessa forma:

[...] Coloca o “caldeirão étnico”, como o chama, logo à porta da Rússia. Ele então se inspirou em Pitsudski para introduzir a desestabilização periférica estratégica dos Bálcãs eurasiáticos como um possível método para enfraquecer o núcleo russo e preservar a hegemonia estadunidense [...]. (KORYBKO, p.25-26)

Por fim, o perfil de ação dos Estados Unidos na região pode ser entendido como a combinação de todas essas teorias, que estabelecem a importância da Eurásia e como desestabilizar a influência russa na região, o “por quê” e o “como” dos EUA, respectivamente. Para Korybko, devido a multipolaridade global e recuperação da influência sob seus vizinhos por parte da Rússia são as razões para as abordagens indiretas, impossibilitando uma repetição da Guerra do Iraque (caracterizada pelo *shock and awe* – choque e pavor – que consiste no uso de uma força espetacular que paralise o adversário, que desiste de lutar) ou Guerra da Líbia por motivos já citados.

Entretanto, o sucesso dessa abordagem depende de alguns fatores, como Korybko desenvolve:

[...] Para ser bem-sucedida, basta semear o caos e criar forças centrípetas que por si só ameacem dilacerar uma sociedade-alvo. Ela não precisa derrubar um governo em si para dar certo –, precisa tão somente fazer com que a sociedade se divida, e a incerteza em larga escala, arauto do caos social, faz o resto. Essa combinação de vácuo e sucção, como Brzezinski escreveu, cria um impasse geopolítico, que, por sua vez, representa um

enorme desafio para o Estado indiretamente visado (no caso, a Rússia) tomar iniciativas dentro das fronteiras do país diretamente desestabilizado. De um jeito ou de outro, o Estado-alvo é obrigado a lidar com esse problema, queira ou não, e isso o coloca na defensiva estratégica. Isso é ainda mais verdade se o Estado-alvo fizer fronteira direta com o alvo indireto, como a Ucrânia faz com a Rússia, por exemplo. (KORYBKO, p.27)

3.2 Sistema de influência

Militarmente, para o autor, uma das influências no contexto de Guerra Híbrida seria o elaborado, em 1989, por William Lind. Lind analisou como seria a próxima geração de guerras, as guerras de quarta geração, segundo ele, que teriam um caráter mais fluído, descentralizado e assimétrico, o que corresponde ao estilo das Guerras Não Convencionais (KORYBKO, 2018). Lind ainda escreve que a guerra de informações e operações psicológicas assumiriam papel fundamental nas guerras da quarta geração, escrevendo:

As operações psicológicas podem se tornar a arma operacional e estratégica dominante assumindo a forma de intervenção midiática/informativa [...] O principal alvo a atacar será o apoio da população do inimigo ao próprio governo e à guerra. As notícias televisionadas se tornarão uma arma operacional mais poderosa do que as divisões armadas. (LIND, 1989)

Além disso, o conceito dos cinco anéis (figura 2), que indicam os principais fatores que mantêm uma força adversária unida, formulado pelo ex-coronel das Forças Aéreas estadunidenses John Warden também é levado em consideração tanto para as Revoluções Coloridas quanto pelas guerras não convencionais. Para Warden, quanto mais próximo ao centro do anel for um ataque, mais reverberante ele será.

Figura 2- Os cinco anéis de John Warden.

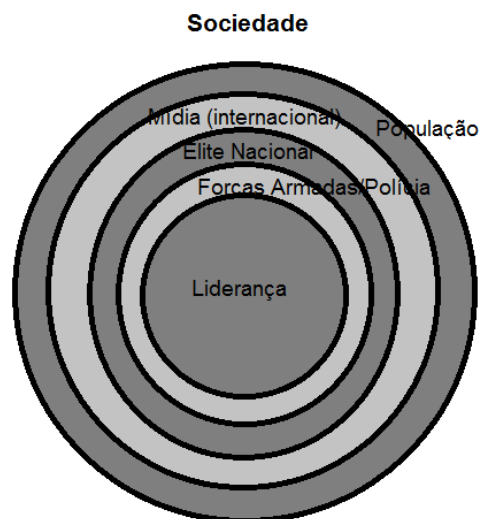


Fonte - (KORYBKO, 2018).

Tendo em vista as Guerras Híbridas, as forças das Guerras Não Convencionais visam atacar cada um dos cinco círculos, com foco nos três do centro, pela maior conveniência e eficiência. Um ataque direto às forças armadas geralmente é evitado, visto a disparidade bélica entre os revoltosos e o aparelho do Estado (exército).

No caso das Revoluções Coloridas, segundo Korybko, são dois anéis diferentes: um representando a sociedade e o outro representando o indivíduo. Toda a sociedade é alvo da revolução, visando a maior desestabilização. O objetivo é a tomada do poder e derrubada do Estado, de forma que o anel externo (população) derruba o anel interno (liderança). Se as Forças Armadas/Polícia forem bem-sucedidas quando impedirem essa ofensiva, cria-se o cenário para a guerra não convencional, como pode ser observado até hoje na Síria e em baixas proporções na Ucrânia (KORYBKO, 2018). As mídias têm um papel tanto de inflamação da população quanto de hesitação de uma defesa do governo, principalmente a internacional nesse caso.

Figura 3- Os cinco anéis da sociedade

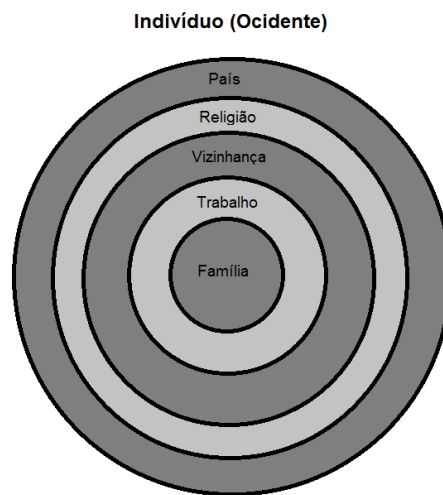


Fonte - (KORYBKO, 2018, adaptada).

Além da sociedade, antes da desestabilização, as Revoluções Coloridas têm como alvo o indivíduo, com o objetivo de atrair a maior parte da população. Os anéis diferem dependendo do Estado-alvo, mas pode ser generalizado como mostra a figura quatro. Nesse anel a família é o núcleo do indivíduo, dessa forma, se as campanhas

psicológicas adotadas invoquem a família, as chances de adesão e vantagens são maiores. Similarmente, se a apelação for apenas patriótica (país) as chances de sucesso são muito menores, tendo em vista tais ideias não são tão endossadas pela maior parte da população ao redor do mundo. Portanto, o anel do indivíduo é mutável de acordo com cada contexto. Ademais, é entendido que, quando o indivíduo passar a seguir a ideologia proposta pela revolução colorida, ele começará a propagar tais ideias, formando o que Korybko chama de “epidemia política”.

Figura 4 - Os cinco anéis do indivíduo (adaptada).



Fonte - (KORYBKO, 2018).

Tanto as Revoluções Coloridas quanto as Guerras Não Convencionais desorientam as Forças Armadas por serem estruturas, justamente, para parecerem imprevisíveis. Além disso, as Guerras Não Convencionais assumem um caráter urbano, dado o contexto do século XXI, dificultando ainda mais o combate direto entre as milícias e os aparatos do Estado, além do fator urbano contribuir para a imprevisibilidade de ataques, como é o caso da Síria. Entretanto, as mensagens das Revoluções Coloridas são transmitidas da maneira mais simples possível, para atrair o maior número de seguidores e são catalisadas pelas mídias sociais, que adquiriram papel essencial na disseminação de tais ideias, como pode ser observado durante a Primavera Árabe.

Devido a esses fatores, o caos, como uma dinâmica não linear, é instaurado. A Guerra Híbrida, então, seria como um caos administrado que

Começa com um vírus que subverte o sistema social do Estado-alvo, e, se seus enxames e vanguardas pseudo-guerra não convencional (por exemplo, indivíduos do Pravy Sektor¹) não conseguirem tomar o poder pela força ou intimidar o governo a abdicar por contra própria, então uma guerra não convencional de verdade tem início. (KORYBKO, p.35)

Dessa forma, os Estados Unidos adotaram uma política de “liderança velada”, oferecendo uma ajuda militar de forma discreta enquanto outras entidades, do Estado em questão, realizam o trabalho sujo. Aliados/líderes regionais favorecem os objetivos geoestratégicos e geopolíticos dos EUA através das medidas assimétricas da quarta geração, como destaca Korybko. Tal definição, “liderança velada”, foi utilizada pela primeira vez em 2011 durante a Guerra do Líbano, ou seja, é um tipo de posicionamento mais recente, baseado no fim da unipolaridade proveniente da Guerra Fria, como já foi descrito. Ou seja, “EUA terceirizam as operações de desestabilização para aliados regionais com ideias afins se o alvo for considerado muito caro ou politicamente sensível para os EUA perseguirem direta e unilateralmente”, como resumido por Korybko (2018, p.37). No contexto ucraniano, a Polônia assumiu esse papel durante as manifestações Euromaidan, mas como a substituição do governo foi inesperadamente rápida, difere de como a Turquia e Jordânia lidaram com tal posição em relação à Síria.

Com a união da população em torno das ideias divulgadas com base nos 5 anéis do indivíduo, é essencial que os participantes não tenham ideia do seu papel e tenham a impressão de que suas ideias são próprias, não induzidas por terceiros. Essa última parte é essencial, visto que se perceberem que estão sendo manipulados, a mensagem é rejeitada e o objetivo final de união e desestruturação social não é alcançado. Caso a estratégia de divulgação for bem-sucedida, e o indivíduo não perceber a manipulação para a formação de suas ideias, esse ideal agora será passado pelo indivíduo aos seus amigos e família. Com isso, sem a consciência desses fatores, um “escudo humano” é formado para a proteção dos membros centrais – como no caso do Pravy Sector, destacado por Korybko. O autor ainda destaca diversos conceitos de guerras que se relacionam e “sinalizaram” o caminho a

¹ Partido de extrema-direita e ultranacionalista ucraniano, nascido da articulação de diversos grupos, incluindo paramilitares, e que se consideram como continuadores do Exército Insurgente da Ucrânia que apoiou o nazismo contra a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) na Segunda Guerra Mundial.

ser tomado pelas Guerras Híbridas, mas que não serão abordados no presente trabalho.

Entretanto, é importante salientar que, com tais estratégias, uma mente de colmeia ou “cérebro coletivo” é criado em torno daqueles que foram influenciados, não da liderança, de forma que fiquem totalmente mergulhados na causa e sejam facilmente influenciados visando os objetivos dos líderes. Essa mente de colmeia ataca repentina e caoticamente o alvo, centros simbólicos de poder do Estado, com o objetivo de abalar o ciclo OODA, desestabilizar e efetuar a troca de governo com o caos instaurado (KORYBKO, 2018). No caso ucraniano, tal conjuntura se dá até a derrubada do governo pró-Rússia, visto o papel determinante do Pravy Sector no caos social proveniente da Euromaidan, com ideias ultranacionalistas e de extrema-direita.

Organizações Não Governamentais (ONG's) também são pontuadas como disseminadoras das ideias presentes para a formação das Revoluções Coloridas. Porém, assumem um papel de disseminação físico, por meio de interações direitas com o grupo. Os métodos que serão postos em prática para que ocorra o levante social são definidos por órgãos como o Pentágono ou a CIA (*Central Intelligence Agency*), que então entram em contato com “nós ativos” e *think tanks*² que já produziram sobre possíveis trocas de regime e/ou os “funcionamentos sociocultural-civilizacionais do país-alvo” (KORYBKO, 2018).

Dessa forma,

Assim que os organizadores externos se sentem confortáveis o bastante com as informações que apreenderam, eles tentam penetrar na sociedade-alvo através de meios ou físicos (em campo) ou virtuais (via Internet). Para a primeira categoria, esses seriam agentes de inteligência reais em campo cujo objetivo é montar o movimento da revolução colorida, ao passo que, no segundo caso, esses seriam o contato online com simpatizantes ou dissidentes favoráveis (que, por sua vez, pode se transformar em contato físico). Esses indivíduos podem ou não ter conhecimento de que estão interagindo com os serviços de inteligência de outro país, mas o que importa é que eles sejam participantes e organizadores convictos da desestabilização futura. O mais provável é que uma abordagem híbrida com ambos os aspectos físico e virtual seja adotada. Esses indivíduos (agentes de inteligência em campo e/ou simpatizantes/dissidentes entrincheirados) servem como os nós de ponto de contato (PDC) que são incumbidos de criar suas próprias redes em estrela³ e multicanal⁴ através de redes sociais online

² Instituições que desempenham um papel de *advocacy* para políticas públicas, além de terem a capacidade de explicar, mobilizar e articular autores. Podem ser independentes ou ligados à partidos políticos, governos ou universidades (ENAP).

³ Teoria de John Arquilla e David Ronfeldt em “O advento da guerra em rede”. Um dos tipos de formação em rede, que é compartimentada e pode construir uma célula dentro de uma rede maior. Tais redes dão “vida” à revolução colorida e são orquestradas por uma agência de inteligência estrangeira (KORYBKO, 2018).

⁴ Teoria de John Arquilla e David Ronfeldt em “O advento da guerra em rede”. Um dos tipos de formação em rede, que satisfaz o conceito de “descentralização tática”, transformando unidades individuais em uma só

ou ONGs físicas. À medida que mais líderes organizacionais são recrutados, novos nós PDC's comunicando-se (seja de maneira consciente ou não) com a agência de inteligência estrangeira possivelmente surgirão. O objetivo consiste em aumentar exponencialmente o número de nós, de acordo com a lei de Metcalfe, para maximizar a rede social e alimentar a energia e *momentum* sociais do movimento golpista. (KORYBKO, p.55-56)

Pode-se observar que, principal rede social que atuou e influenciou protestos, como desenvolvido por Korybko, foi o Facebook, do grupo Meta. Brett Van Niekerk e Manoj Maharaj, em um artigo intitulado “*Social Media and Informational Conflict*”, de 2012, identificaram o uso da rede social para organização de protestos ao redor do mundo, sua utilidade para operações psicológicas e como é uma fonte de informação de alvos em potencial das organizações de inteligência (no caso dos EUA a CIA).

Os dados dos usuários, seus históricos de pesquisas, os grupos que fazem parte etc., são analisados pelo algoritmo da empresa para melhorar a publicidade do aplicativo (NIEKERK, MAHARAJ, 2012). Tal afirmação foi recentemente comprovada, uma matéria de 2018 da BBC News Brasil reporta o uso das informações de mais de 50 milhões de usuários, sem consentimento, pela empresa Cambridge Analytica, para fazer propaganda política nas eleições estadunidenses de 2016. Segundo Van Niekerk e Maharaj, as agências de inteligência “podem então usar o fenômeno do Big Data para organizar, filtrar e acompanhar o perfil macrossocial do povo em países alvo a fim de potencializar seus mecanismos de projeção a eles” (KORYBKO, 2018, p.56), usando e baseando o algoritmo de publicidade do Facebook para divulgar os ideais das Revoluções Coloridas.

Os autores ainda identificaram que

As Forças Armadas dos EUA estavam usando o software Persona para criar dez contas de mídia social marionete por pessoa, gerando “potencial para ampliar a influência psicológica que um pequeno grupo de operadores ocultos pode exercer em um público maior”. Embora o objetivo disso fosse “gerar consenso favorável aos Estados Unidos sobre questões controversas”, os autores sugerem que isso também poderia ser usado para “instigar protestos e primaveras populares” (isto é, revoluções coloridas). (KORYBKO, p.58)

Portanto comprovando o envolvimento estadunidense na incitação de protestos em regiões específicas. Tal facilidade de influência emocional, e não racional, sobre os usuários facilita a criação das “mentes de colmeia” citadas anteriormente, de forma que é extremamente atrativo e compensador os serviços de inteligência estarem presentes em plataformas como o Facebook. Pesquisadores, como Jeffrey Hancock

mente. Tais redes dão “vida” à revolução colorida e são controladas por uma agência de inteligência estrangeira (KORYBKO, 2018).

(ligado ao Facebook), já foram financiados pela Iniciativa de Pesquisa Minerva do Pentágono, que “oferece fundos a pesquisadores que estudam a conexão entre as mídias sociais e a agitação civil” (KORYBKO, 2018, p.57), em trabalhos como “*Modeling Discourse and Social Dynamics in Authoritarian Regimes*” e “*Known Unknowns: Unconventional Strategic Shocks in Defense Strategy Development*”.

Financiamentos semelhantes também são feitos pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (Darpa) em seu programa de Mídias Sociais e Comunicações Estratégicas (SMISC). Entretanto, oficialmente, o Darpa não admite sua influência para o surgimento de Revoluções Coloridas, e declara que seus esforços consistem em combater campanhas de desinformação. Conclui-se, portanto, que a ação desses agentes governamentais é essencial para a formação de uma “mente de colmeia”, proveniente das ferramentas digitais que realizam essa influência no público-alvo de forma efetiva. As revoluções coloridas dependem diretamente da formação dessa mente e de ataques em enxames, visando desestruturar o ciclo OODA, como já dito previamente, para terem êxito (KORYBKO, 2018).

3.3 Revoluções Coloridas e Guerras não Convencionais

O ciclo para o início das Revoluções Coloridas é identificado como o seguinte:

O Facebook é o portal para reunir e fazer propaganda do movimento de revolução colorida. Ele recruta apoiadores e permite a criação de grupos fechados nos quais ativistas contra o governo podem se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a revolução colorida, o Google Maps é usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas (tipicamente parques) onde os ativistas podem se organizar de antemão e identificar os melhores lugares para o enxame de manifestantes reunir-se (Maidan⁵, no caso da Ucrânia). Durante o combate urbano contra os serviços de segurança, o Google Maps pode rapidamente exibir rotas de fuga para os combatentes e ajudá-los a elaborar estratégias para seus ataques. Essas informações, incluindo a difusão de mensagens de qualquer natureza a todos os membros do movimento, podem ser transmitidas instantaneamente via Twitter. Por fim, os ativistas podem filmar os procedimentos com seus telefones celulares e publicar vídeos favoráveis ao movimento (e potencialmente enganosos e/ou editados) no Youtube. Eles podem então usar as mesmas contas no Twitter e Facebook, ou outras, para fazer propaganda de seus vídeos na Internet na tentativa de obter o máximo de visualizações possível. As hashtags ajudam a organizar as informações para que seja possível recuperar resultados com rapidez, além de facilitar a busca no Google e em outros algoritmos de busca. O objetivo é fazer com que o movimento da revolução colorida torne-se “viral”, ganhando exposição internacional (no Ocidente) e, com isso, abrindo espaço para que os EUA e

⁵ Abreviação para Euromaidan, repentinas manifestações o governo do presidente ucraniano pró-Rússia Viktor Yanukovich, no final de 2013 e início de 2014, a favor da aproximação do Ocidente (tanto dos EUA quanto da União Europeia).

outros governos façam Guerras híbridas 65 declarações públicas e tentem diplomaticamente se envolver nos assuntos soberanos de um Estado independente em meio ao alarde público nacional em favor. (KORYBKO, p.64-65)

Os métodos a serem utilizados durante as Revoluções Coloridas, especialmente os não violentos, foram, inicialmente, idealizados pelo professor e cientista político Gene Sharp. Nos livros: “Da Ditadura à Democracia: uma Estrutura Conceitual para a Libertação” (1993) e “Existem Alternativas Realistas” (2003), estabelece táticas vívidas, que devido ao caráter coletivo alcançado pela influência nas redes sociais (o que é essencial), não podem ser ignoradas, e que também evoquem esse sentimento coletivo, como a criação de slogans, caricaturas e símbolos. O autor foi amplamente divulgado na imprensa Ocidental como um dos principais influenciadores da Primavera Árabe e da Euromaidan, no New York Times e na CNN, por exemplo. Embora os livros destaquem apenas métodos não violentos, mais com caráter de resistência, é importante ressaltar que, mesmo assim, medias violentas, mais características de Guerras não Convencionais, foram utilizadas durante a Euromaidan. Tais publicações (e sua comprovação prática na Ucrânia ou nos país do Oriente Médio e Norte da África) confirmam a teoria de Zbigniew Brzezinski, da fácil desestabilização de ex-repúblicas soviéticas, tratada na seção 3.1 *Teoria e fundamentos geopolíticos*.

Além de Gene Sharp, outro nome que influenciou fortemente o cenário das Revoluções Coloridas, segundo Korybko, foi o ex-embaixador dos EUA na Rússia John F. Teff. Seus trabalhos anteriores no que diz respeito à diplomacia foram essenciais para a segurança da influência dos Estados Unidos a nível global, mas com maior destaque para sua passagem na Ucrânia (2009-2013).

O período coincide, justamente, com o início da Euromaidan, a Revolução Colorida na Ucrânia, que, segundo Korybko, foi “durante esse período que a revolução colorida contra Viktor Yanukóvytch, que voltou à presidência em 2010, foi preparada” (KORYBKO, 2018, p.67). Em uma entrevista à *Voice of Russia* com o vice-presidente do *PIR Center* e presidente do *Dialogue International Club*, Dmitry Polikanov, deu seguinte declaração, após uma pergunta, sobre John Teff:

Por um lado, o embaixador Tefft tornou-se notório em Moscou por seu profundo envolvimento nos assuntos domésticos da Geórgia e Ucrânia. Muitas autoridades russas não se esquecerão de algumas de suas declarações anteriores nem de seu currículo como conselheiro na ‘Revolução

Laranja⁶ e, portanto, ao que tudo indica, ele não gozará de nada além de comunicações secas e formais. Além disso, embora Michael McFaul tenha sido chamado supostamente de um dos 'teóricos da mudança', John Tefft estava no centro da prática de mudança na Geórgia e Ucrânia. (grifo do autor). (KORYBKO, p.69-70)

Dessa forma, evidencia-se o envolvimento de Teff em movimentos contra o governo de Viktor Yanukóvytch caracterizados como Revoluções Coloridas. Além da Ucrânia, Teff também atuou na Georgia no mesmo período em que ocorria a guerra Russo-Georgiana (que estreitou as relações dos EUA com a Georgia, que passou a exportar armas durante as guerras do Afeganistão e Iraque ao país norte americano), ou seja, assegurou ao redor do mundo a estabilidade, ou até mesmo aumento, da influência estadunidense, exercendo uma função "anti-Rússia" (KORYBKO, 2018). Ademais, a nomeação de Frank Archibald para chefe do Serviço Nacional Clandestino da CIA (NSC), de 2013 a 2015, também pode ser considerada como outro indicador para o envolvimento dos EUA na Revolução Colorida ucraniana (Euromaidan) segundo o autor. Archibald teve envolvimento na guerra civil da Bósnia e na primeira Revolução Colorida bem-sucedida da história, na Sérvia (2000). Dessa forma, Korybko conclui que

Quando um especialista em campanhas paramilitares e revoluções coloridas, coincidentemente um indivíduo que concretizou a primeira revolução colorida de sucesso na história, sobe ao topo do NCS, então todo e qualquer movimento de revolução colorida deve ser legitimamente colocado sob suspeita de ser uma operação da CIA, assim como qualquer guerra não convencional que apoie os interesses dos EUA. A nomeação de Archibald também demonstra que esses métodos possivelmente se tornarão mais difundidos e comumente empregados pelos EUA do que nunca. (KORYBKO, p.71)

O tenente-coronel Brian Petit, na *Special Warfare*, define Guerras não Convencionais como:

Atividades conduzidas para viabilizar um movimento de resistência ou insurgência a coagir, abalar ou derrubar um governo ou poder ocupante por operação por meio de ou com uma força clandestina, auxiliar e guerrilheira em uma área renegada.' [A guerra não convencional] não é um mecanismo que atua com vistas a criar as condições para uma revolução – em vez disso, ela apodera-se de uma infraestrutura política, militar e social pré-existente e a apoia com vistas a acelerar, estimular e incentivar ações decisivas baseadas em ganho político calculado e nos interesses nacionais dos EUA. (PETIT)

⁶ Protestos entre 2004 e 2005 na Ucrânia contra a eleição de Viktor Yanukovich (pró-Rússia), acusando as eleições de serem fraudulentas, em detrimento de Viktor Yushchenko (pró-Europa), membro de um grupo opositor chamado Nossa Ucrânia. As eleições foram anuladas e uma nova foi feita, dessa vez com a vitória de Viktor Yushchenko. Esse movimento marcou a Ucrânia pois, além de mudar o líder do país, marcou ainda mais rivalidade entre o oeste (pró-Occidente) e leste (pró-Rússia) do país. A Revolução Laranja também é considerada uma precursora/ "fonte de inspiração" da Euromaidan.

No contexto da Guerra Híbrida, o conflito pré-existente, mencionado pelo tenente-coronel, seria uma Revolução Colorida. Ela independe do sucesso da Revolução e pode ser iniciada logo após o início dela, mas com menor magnitude (KORYBKO, 2018). O autor faz algumas adições ao conceito inicialmente definido por Petit, considerando

Qualquer forma não convencional de guerra, incluindo guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo (guerra irregular). Ela inclui especificamente combatentes não convencionais, tais como mercenários e outros atores desvinculados do Estado, além de forças operacionais especiais uniformizadas. Ela não é composta por tanques, soldados e linhas de batalha bem definidas, o que faz dela extremamente não linear e caótica, e, via de regra, ataca o inimigo de maneira indireta. (KORYBKO, p.74)

Com um objetivo claro de troca de regime. As vantagens apresentadas por esse tipo de guerra já foram apresentadas na seção 3.1 *Teoria e fundamentos geopolíticos*.

No contexto ucraniano, segundo Korybko, empresas mercenárias, que raramente tem visibilidade na grande mídia, agiram no território do país. Sendo assim, por mais que a Euromaidan seja majoritariamente identificada como apenas uma Revolução Colorida, aspectos de Guerras não Convencionais também estavam agindo durante o período. Além disso, 86 membros do Pravy Sector foram enviados à Polônia, onde receberam quatro semanas de treinamento em gestão de multidões, reconhecimento de pessoas, táticas de combate, habilidades de comando, comportamento em situações de crise, proteção contra gases usados pela polícia, construção de barricadas e tiro e manuseio de rifles de precisão no centro de treinamento policial em Legionowo. Tudo isso dois meses antes do início da Euromaidan, segundo informações obtidas pela oposição polonesa. Ademias, uma ligação entre a Secretária de Estado Adjunta Victoria Nuland e o embaixador da Ucrânia na época, Geoffrey R. Pyatt, indicam o conhecimento dos EUA de tais ações, ou seja, a Polônia estava agindo como a Turquia na Síria, através do conceito de liderança velada dos EUA apresentado na seção 3.2 *Sistema de influência*. Levando em consideração a tênue divisão entre civis e militares desse grupo, fica muito mais difícil o combate dos mesmos pelas forças oficiais do Estado-alvo, sendo essa a principal vantagem de treiná-los (KORYBKO, 2018).

As teorias militares apresentadas anteriormente por esse trabalho têm o seu papel mais “puro” e frequente nas Guerras não Convencionais, deixando o Estado-alvo extremamente na defensiva. Devido ao menor poder dos grupos que realizam as Guerras não Convencionais, para Korybko, o modus operandi consiste em infiltrar

membros, agindo como civis, nas principais cidades e “ativá-los” no momento certo para instaurar a desordem (com ataques terroristas, por exemplo), tal composição pode ser observada diversas vezes durante a Guerra da Síria, o principal exemplo de Guerras não Convencionais, já que ainda está em vigor. As teorias apresentadas a respeito do papel das redes sociais também se mantêm, visto que o recrutamento de combatentes é, principalmente, feito através dessas plataformas. O Pravy Sector já demonstrou tal afirmação quando, no Twitter, “encorajou terroristas da Chechênia a unir forças e praticar ataques dentro da Rússia” (KORYBKO, 2018, p.80), entretanto a principal organização que utiliza as redes sociais para o próprio proveito é o Estado Islâmico. A vitória da Guerra não Convencional não consiste na destruição das forças do inimigo, mas

Tem êxito abalando o inimigo e mantendo-o em contínuo desequilíbrio até que a oportunidade certa para um ataque decisivo se apresente. Desde que os membros da guerra não convencional consigam evitar continuamente a derrota, parafraseando Scales, é possível chegar em última análise à vitória, daí por que a guerra não convencional pode ser um processo longo e demorado que dura muito mais anos do que os conflitos convencionais. (KORYBKO, p.82)

Como os conflitos duram muito mais que uma guerra convencional, a longo prazo, a Guerra não Convencional se torna muito mais custos ao Estado-alvo. O turbilhão caótico gerado expõe as fraquezas do Estado (virando-o de cabeça para baixo, como dito por Korybko), o caso da Euromaidan:

Uma vez de cabeça para baixo, a tartaruga é rapidamente exterminada. O mesmo é verdade para a sociedade e o Estado – se a guerra não convencional conseguir jogá-los em um turbilhão caótico que “vire-os de cabeça para baixo”, o golpe poderá avançar à velocidade da luz e muito provavelmente terá sucesso. Esse foi o caso na guerra não convencional durante o golpe do Euromaidan. A violência dirigida por atores desvinculados do Estado (guerra não convencional de baixa escala) chegou a tal ponto que descarrilou o governo de Yanukóvytch e permitiu falhas estratégicas que culminaram no golpe de 21 de fevereiro após o acordo de resolução assinado às pressas. (KORYBKO, p.82-83)

O “guia” para Guerras não Convencionais (como é o caso das obras de Gene Sharp, supracitadas, para as Revoluções Coloridas) seria o documento vazado “*Special Forces Unconventional Warfare*” (Forças Especiais da Guerra não Convencional), que teve um papel determinante no contexto sírio atual (KORYBKO, 2018). O documento, além de instruir taticamente a prática desse tipo de guerra, também apresenta uma visão da atitude oficial dos EUA:

Uma em que os EUA esperam a hora certa para intervir oficialmente (“cenário de guerra geral”) e outra em que isso é improvável (“cenário de guerra limitada”). A primeira pode ser aplicada à crise na Síria, em especial antes do incidente com armas químicas em agosto de 2013 e dos terremotos

diplomáticos subsequentes, ao passo que a segunda muito provavelmente foi o cenário na Ucrânia. Os cenários de guerra geral são conduzidos com vistas a preparar o campo de batalha para uma intervenção convencional dos EUA ou divergir as forças inimigas, ao passo que o cenário de guerra limitada sabe das restrições institucionais e busca tão somente pressionar um adversário em vários níveis (até a troca de regime). (KORYBKO, p.83-84)

O contexto ucraniano caracteriza-se como um “cenário de guerra limitada”, devido à proximidade ao território russo. A Ucrânia está diretamente ligada à esfera de influência da Rússia, fazendo fronteiras diretas com o país, o que impossibilita os Estados Unidos de intervirem com tropas formais, já que o objetivo das Guerras Híbridas é, justamente, evitar o combate direto entre superpotências (tanto no âmbito econômico quanto militar). Por conta desse tipo de cenário, os EUA enviam representantes ao local, que encontram-se com líderes da oposição, para avaliar a viabilidade da Guerra não Convencional. Quando a decisão de implementação é aprovada, eles utilizam da estratégia já citada e explicada de liderança velada (agir através de um país ou parceiro terceiro) (KORYBKO, 2018). Além disso, segundo o documento vazado, os EUA buscam aumentar a participação da população com tais medidas, feitas com base em determinadas ações tomadas pelo governo estadunidense, como:

- Determinar fatores psicológicos-chave no ambiente operacional;
- Identificar ações com efeitos psicológicos que sejam capazes de causar, mudar ou reforçar comportamentos desejados em grupos ou indivíduos alvo identificados;
- Moldar as percepções da população para apoiar os objetivos da guerra não convencional;
- Contra-atacar informações “falsas” ou “difamadoras” do inimigo que possam minar a missão de guerra não convencional. (KORYBKO, p.85)

Dessa forma, o documento comprova a relevância das teorias de influência apresentadas pelo tópico 3.2 Sistema de influência. O objetivo das Revoluções Coloridas e das Guerras não Convencionais é, portanto, comprovadamente, criar a mente de colmeia supracitada para garantir o apoio cego de seus ideais, facilitando a concretização dos mesmos. Tendo isso em vista, Korybko destaca as “sete variáveis chave” para o sucesso desse tipo de conflito:

O sucesso da guerra não convencional é determinado por sete variáveis chave: liderança; ideologia; objetivos; ambiente e geografia (inclusive sociais); apoio externo; divisão em fases e timing; e padrões organizacionais e operacionais. Todos esses fatores podem ser modificados, salvo o ambiente e a geografia. É importante que tudo esteja em ordem antes do início da guerra não convencional porque, como declara Steven Mann ao falar sobre a teoria do caos e o pensamento estratégico, “esses sistemas ‘caóticos’ (isto é, revoluções coloridas e guerra não convencional) demonstram sensível dependência das condições iniciais; uma leve mudança em qualquer um dos estímulos iniciais leva a resultados desproporcionalmente diferentes”. Se o

timing da revolução colorida (e, por extensão, da guerra não convencional subsequente) não for acertado, todo o empreendimento pode se provar um fracasso, tal como as tentativas de operação para troca de regime na Bielorrússia e no Uzbequistão acabaram se mostrando. Isso mostra a necessidade de investigar mais a fundo o a divisão em fases e o timing da guerra não convencional. (KORYBKO, p.85-86)

As Guerras não Convencionais, ainda, são divididas em três estágios: a fase latente (o principal objetivo é reunir o maior número possível de seguidores, através de métodos já mencionados, e convencer a população a não cooperar com o Estado); a guerra de guerrilha (precisa de um acontecimento externo para se iniciar – geralmente personificado em uma Revolução Colorida –, que as lideranças opositoras aproveitam para incitar a população, urbanas ou rurais – no caso ucraniano uma guerra de guerrilha urbana em pequena escala –, com o objetivo de degradar o aparato de segurança estatal, aumento da sabotagem, ataques estratégicos, disseminação manipulada de informação para incitar a população); e a guerra de movimento (auge da guerra – não identificado na Ucrânia, mas preparativos para tal cenário estavam sendo feitas pelos participantes da Euromaidan –, provoca o colapso do governo não necessariamente de forma convencional, mas, primeiramente, é necessário remover as Forças Armadas da conjuntura, o objetivo é, de fato, libertar o governo e o território) (KORYBKO, 2018).

3.4 Euromaidan

Durante o texto, fica claro que Revoluções Coloridas e Guerras não Convencionais, em seu estágio inicial, aconteceram durante os protestos da Euromaidan. Entretanto, diferentemente de outros casos, a violência durante o movimento foi presente desde o início, tanto por parte do Estado, com tropas de choque (que aliados à corrupção generalizada, foram os motivadores da revolução, inicialmente contra o autoritarismo do governo e violência desse esquadrão), quanto dos revoltosos, principalmente nos períodos finais das manifestações (início de 2014).

O governo de Yanukovich lidava com um impasse: de um lado o Ocidente (simbolizado, principalmente, pela União Europeia, mas EUA também), que gostaria de aumentar suas relações com o Estado do Leste Europeu e a Rússia, principal economia aliada e que fornecia gás ao país a preços reduzidos. O presidente ucraniano, após Putin oferecer os mesmos empréstimos monetários do FMI (Fundo

Monetário Internacional), mas sem “contrapartidas”, e realizar um pequeno bloqueio comercial contra o país, recusou o acordo oferecido pela UE, o que gerou o início dos protestos.

A Euromaidan era, principalmente, estimulada pela extrema direita (personificada no partido Svoboda e o Pravy Sector, já mencionado), mesmo que nem todos os manifestantes tivessem essa orientação ideológica. O jornalista Branko Marcetic analisa que os grupos serviram como uma vanguarda revolucionária, e que os crescentes níveis de violência foram uma peça fundamental para a vitória dos revoltosos, assim como analisado por Korybko na seção anterior. O envolvimento do Svoboda – criado pelo “comandante não oficial da Maidan” com alusões ao nazismo, como apontado por Marcetic – foi determinante para a manutenção dos protestos, como discorrido pelo jornalista:

Svoboda utilizou recursos consideráveis, que incluíam milhares de ativistas ideologicamente comprometidos, cofres partidários e o poder e a proeminência oferecidos a ele como partido parlamentar, para mobilizar e manter vivos os protestos, eventualmente comandando a ocupação dos principais edifícios do governo em Kiev e nas regiões ocidentais. (MARCETIC, 2022)

A violência mencionada por Korybko foi, principalmente, encabeçada pelo Pravy Sector, tanto no Oeste quanto Leste ucraniano. Destacam-se 19 ataques à polícia de Kiev, criticados até mesmo por outros manifestantes, que começaram a perceber a influência da extrema direita nos protestos (MARCETIC, 2022). Tais características também ganharam a atenção da mídia internacional, mesmo que em menor quantidade:

Em janeiro de 2014, até mesmo a *NBC* estava admitindo que “milicianos violentos de direita agora são uma das facções mais fortes liderando os protestos da Ucrânia”. O que parecia ser uma revolução pela democracia e pelos valores liberais terminou apresentando cantos ultranacionalistas dos anos 1930 e proeminentes exibições de símbolos fascistas e supremacistas brancos, incluindo a bandeira confederada americana. (MARCETIC, 2022)

Ainda se destacam-se ataques da oposição contra os próprios manifestantes, em uma tentativa de motivá-los ainda mais contra o governo. Tais conclusões foram feitas por Ivan Katchanovski, cientista político ucraniano e professor na Universidade de Ottawa, Canadá. Entretanto, com o novo governo, alcançado pelas manifestações, e a inclusão de diversas figuras da extrema direita na política ucraniana, os manifestantes foram oficialmente perdoados por qualquer violência (MARCETIC, 2022). Um episódio marca a total imersão da população na manifestação, promovidas

pelas estratégias de influência mencionadas anteriormente no tópico 3.2 *Sistema de influência*:

Por um breve período, parecia que a espiral de crise poderia ser realmente resolvida de forma pacífica, quando Yanukovych e os partidos de oposição assinaram um acordo intermediado pela Europa em 21 de fevereiro, concordando em reduzir os poderes do presidente e a realizar novas eleições em dezembro. Só que o acordo foi recebido com indignação por um movimento de rua cada vez mais militante. Milhares ficaram em Maidan exigindo a saída de Yanukovych, vaiando os agora apologeticos líderes da oposição por terem assinado o acordo. Os manifestantes desacreditaram o acordo como insuficiente, alguns se reuniram próximo ao Parlamento e exigiam a renúncia e a punição de Yanukovych. Eles aplaudiram um ultranacionalista que ameaçou uma derrubada armada se Yanukovych não fosse embora pela manhã. (Esse orador⁷ foi posteriormente eleito parlamentar, juntando-se a um partido de extrema direita e criando o hábito de agredir fisicamente seus oponentes). (MARCETIC, 2022)

A matéria ainda destaca a influência de entidades americanas para a criação do cenário criado ao final de 2013:

Por décadas, Washington e os governos aliados seguiram seus interesses estratégicos e econômicos sob o manto da promoção da democracia e dos valores liberais no exterior. Às vezes, isso significa mandar o dinheiro para reacionários violentos como os Contras da Nicarágua e, às vezes, significa apoiar os movimentos benignos pró-democracia, como aqueles na Ucrânia. “Os atores externos sempre desempenharam um papel importante na formação e apoio da sociedade civil na Ucrânia”, escreveu a acadêmica ucraniana Iryna Solonenko em 2015, apontando para a União Europeia e os Estados Unidos – e agências como a National Endowment for Democracy (NED) e a Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID), cuja sede de Kiev estava no mesmo complexo que a embaixada norte-americana. “Pode-se argumentar que, sem esse apoio externo, que tem sido a principal fonte de financiamento da sociedade civil ucraniana desde a independência, ela não teria se tornado o que é agora.” (MARCETIC, 2022)

Após a derrubada do governo de Viktor Yanukovich e sua fuga para a Rússia, o novo governo passou longe de cumprir as cobranças do movimento que o colocou no poder. Por mais que seja muito extremo dizer que os Estados Unidos foram responsáveis pela criação da Euromaidan, eles, claramente, utilizaram o cenário a seu favor. Além disso, tudo o que foi vivido durante esses 4 meses de manifestações, apenas acentuou problemas já enfrentados pela Ucrânia.

Após a posse de Petro Poroshenko, marcando o fim da Euromaidan, a oposição entre Leste (pró-Rússia) e Oeste (pró-Occidente), só aumentaram. Além disso, a justificativa de um governo ilegítimo, apoio a neonazistas e perseguição ao povo russo

⁷ Volodymyr Parasiuk

(e seus descendentes) foram as justificativas utilizadas por Vladimir Putin para a anexação da Criméia⁸ e a atual Guerra da Ucrânia.

O início da guerra seguiu um padrão já observado na Geórgia: a aproximação com a União Europeia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte⁹ estavam fortes em ambos os países, com isso o governo russo reconhece a independência de duas províncias separatistas (Ossétia do Sul e Abecásia na Georgia e Donetsk e Lugansk na Ucrânia) e, dias depois, invade o país.

Dessa forma, é possível determinar clara influência das Guerras Híbridas no atual contexto ucraniano. Todo o cenário foi marcado pelas Revoluções Coloridas e, em pequena escala, Guerras não Convencionais, formadas através de estratégias de influência supracitadas e com apoio dos Estados Unidos, mesmo que não tenha sido o principal fomentador, por conta dos interesses geopolíticos apresentados no tópico *3.1 Teoria e fundamentos geopolíticos*, todos os pilares das Guerras Híbridas formulados por Andrew Korybko em seu livro. Por fim, é pertinente apresentar a fala final de Branko Marcetic em sua matéria:

A Revolução Maidan continua sendo um evento confuso e difícil de categorizar, mas está longe daquilo a que os ocidentais foram levados a acreditar. É uma história de manifestantes liberais e pró-ocidentais, impulsionada por queixas legítimas, mas, em grande parte, providas de somente metade de um país polarizado, entrando em um temporário casamento de conveniência com a extrema direita para promover uma insurreição contra um presidente corrupto e autoritário. A tragédia é que, em larga medida, isso serviu para empoderar neonazistas, literalmente, divulgando somente os objetivos dos poderes ocidentais que lhes emprestaram apoio. É uma história tragicamente comum na Europa pós-Guerra Fria, de um país mutilado e dilacerado quando suas divisões políticas e sociais foram usadas e estimuladas ainda mais na peleja de uma grande rivalidade entre poderes mundiais. E o fracasso ocidental em compreender que levou o país a um ponto em que Washington continua imprudentemente se envolvendo em um lugar repleto de questões sombrias, onde pouco é o que parece na superfície. O envolvimento ocidental ajudou a trazer o país a esta crise. (MARCETIC, 2022)

⁸ Península no mar Negro, que é, oficialmente parte do território ucraniano, mas foi incorporada à Rússia por decisão do parlamento local (já que a região é palco de diversos movimentos separatistas pró-Rússia, devido à ancestralidade local) e “legitimada” pelo envio de tropas russas à região. Poucos Estados reconhecem a independência e incorporação da Criméia, declarada inválida pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas sua condição é considerada incerta até hoje. É um dos territórios chave do conflito russo-ucraniano atual.

⁹ Conhecida como OTAN.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo se objetivou em estabelecer relações e diferenças entre processos intervencionistas estadunidenses em diferentes períodos e localizações. Dessa forma, por mais que existam diferenças temporais e geográficas, pode-se estabelecer certas relações entre o Golpe de 1964 no Brasil e o contexto vivido pela Ucrânia atualmente.

Primeiramente, ambos os países são geograficamente estratégicos e possuem uma grande importância mundial como produtores de alimentos. Como apresentado pelo trabalho, a Ucrânia se localiza no *Heartland*, visto como o pilar para o controle e influência mundial por diversos intelectuais, como Halford Mackinder, Nicholas Spykman e Zbigniew Brzezinski, mesmo que ofereçam diferentes perspectivas sobre tal conceito. Além disso, ambos os países estavam sob, em certo nível, influência russa: o Brasil com as proximidades de ideais comunistas, como levantado pelos EUA, e a Ucrânia com um presidente abertamente pró-Rússia em seu governo.

Ademais, a interferência estadunidense nos Estados foi, em ambos os casos, indireta, ou seja, sem envolvimento direto das Forças Armadas nacionais. Tal característica se dá por alguns fatores, como: o desejo de legitimidade dos movimentos, o que seria arruinado com o envolvimento estrangeiro; os EUA não sofrerem repressões internacionais por suas ações; a falta de viabilidade econômica e política e o desejo de não iniciar uma nova guerra entre grandes potenciais (os últimos dois fatores especialmente no caso ucraniano).

Entretanto, no caso brasileiro, os Estados Unidos possuíam dois planos concretos caso houvesse resistência por parte da população quando houvesse o golpe. Mesmo que não tenham sido utilizados, a existência de tais planos evidencia as diferenças no cenário tanto nacional (Brasil) quanto internacional. Durante o período, marcado pelo auge da Guerra Fria, intervenções diretas e “tradicionais” (com o envolvimento de forças oficiais do governo intervencionista), eram regra, não exceção, o que caracteriza o golpe brasileiro como um marco para esse tipo de ação e uma possível fonte de inspiração para a formulação dos pilares das Guerras Híbridas, em que os Estados Unidos agem muito mais como um motivador do que, de fato, um participante direto.

Além disso, pode-se observar que a postura de motivador também sofreu alterações. Durante o Golpe de 1964, o grupo que foi motivado e treinado pelos EUA a darem o golpe foi o das Forças Armadas brasileiras, como é possível observar pelos

diversos contatos entre o embaixador Lincoln Gordon e os membros do grupo. Entretanto, para que o movimento ganhasse um caráter mais popular e, portanto, mais legítimo, o contato dos EUA para o começo dos protestos (as Revoluções Coloridas) passou a ser com grupos não oficiais, organizados por civis com certos ideais extremistas que, então, motivarão o povo a se revoltar, tudo isso através da estratégia de liderança velada.

Portanto, através da leitura dos livros “1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março”, de Phyllis R. Parker, e “Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos golpes”, de Andrew Korybko, aliados à leitura de artigos e notícias que aprofundavam ambos os casos, foi possível estabelecer tais relações e entender os complexos fatores que levaram a concretização tais movimentos. Considera-se que trabalhos dessa natureza possam contribuir para a compreensão de fenômenos de extrema relevância para a organização da sociedade atual, no Brasil, na Ucrânia ou no resto do mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÉVALO, Raquel; KUHN, Byron. **A Doutrina Monroe e suas Influências: Impactos nas Américas.** Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8848/1/01_A%20Doutrina%20Monroe%20e%20suas%20influ%C3%Aancias.pdf. Acesso em: 23 mar. 2022.

BBC NEWS BRASIL. **Como descobrir o que o Facebook sabe sobre você.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43493673>. Acesso em: 18 out. 2022.

BRAGA ROMEU, Paulo. **Os interesses econômicos dos Estados Unidos e a segurança interna no Brasil entre 1946 e 1964: uma análise sobre os limites entre diplomacia coercitiva e operações encobertas.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/gQ3VbLrZQfPGVJ7QvZy6xwM/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American primacy and its Geostrategic Imperatives.** Nova York: Basic Books, 2016. Acesso em: 17 out. 2022.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História Sociedade & Cidadania 9.** São Paulo: FTD Educação, 2018. Acesso em: 24 mar. 2022.

GONTIJO, Fabiano. **Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na/da liminaridade.** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/178853/171596>. Acesso em: 17 out. 2022.

GUITARRARA, Paloma. **Questão da Criméia.** Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/amp/geografia/a-importancia-estrategica-crimeia.htm>. Acesso em: 18 out. 2022.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes.** São Paulo: Expressão Popular, 2018. Acesso em: 23 mar. 2022.

KORYBKO, Andrey. **NGOs and the mechanics of Hybrid War**. Disponível em: <https://orientalreview.org/2016/09/23/ngos-and-the-mechanics-of-hybrid-war/>. Acesso em: 16 out. 2022.

MARCETIC, Branko. **Como uma insurreição na Ucrânia apoiada pelos EUA nos trouxe à beira da guerra**. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/02/como-uma-insurreicao-na-ucrania-apoiada-pelos-eua-nos-trouxe-a-beira-da-guerra/>. Acesso em: 16 out. 2022.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **A Geopolítica do Poder Terrestre Revisitada**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/4sMswXPLsXhCNy5DKbwtvGH/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.

MEYSSAN, Thierry. **Ukraine: Poland trained putchists two months in advance**. Disponível em: <https://www.voltairenet.org/article183373.html#nb4>. Acesso em: 17 out. 2022.

NEW YORK POST. **Meet the man who forced Ukraine's president to run for his life**. Disponível em: <https://nypost.com/2014/02/25/meet-the-man-who-forced-ukraines-president-to-run-for-his-life/>. Acesso em: 17 out. 2022.

NIEKERK, Brett Van; MAHARAJ, Manoj. **Social Media and Information Conflict**. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/1658/919>. Acesso em: 15 out. 2022.

O dia que durou 21 anos. Produção de Karla Ladeia. [S.l.]: PEQUI FILMES, 2012. *Streaming Apple TV* (77 min).

PARKER, Phyllis. **1964: O papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de março**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Acesso em: 15 set. 2022

SCHILLING, Voltaire. **Estados Unidos e América Latina: da Doutrina Monroe à ALCA**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002. Acesso em: 10 set. 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Revolução Laranja de 2004**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-laranja-de-2004.htm>. Acesso em: 18 out. 2022.

TEIXERA, Carlos Gustavo Poggio. **Uma política para o continente – reinterpretando a Doutrina Monroe**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/NtyHN9QBWLBTB4bZNJG6F3R/?/lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

THE WASHINGTON POST. **Former Soviet states stand up to Russia. Will the U.S.?**. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/former-soviet-states-stand-up-to-russia-will-the-us/2013/09/26/b5ad2be4-246a-11e3-b75d-5b7f66349852_story.html. Acesso em: 17 out. 2022.